

ONGs: Humanismo e Humanitarismo

I - definição de HUMANISMO

HUMANISMO

“A expressão humanismo refere-se genericamente a uma série de valores e ideais relacionados à celebração do ser humano. O termo, porém, possui diversos significados, muitas vezes conflitantes.

Segundo Bernard Cottret, biógrafo de Calvino, o seu atual significado surge apenas em 1877. Significa, segundo este autor, o interesse dos sábios do Renascimento pelos textos da antiguidade clássica (em Latim e Grego) em detrimento da escolástica medieval. [1] Autores clássicos como Cícero ou Séneca voltam a ser lidos com um interesse acrescido na Europa do século XVI.

Humanistas famosos são entre outros Petrarca, Gianozzo Manetti, Lorenzo Valla, Marsilio Ficino, Erasmo de Roterdão, François Rabelais, Pico de La Mirandola e Thomas Morus.

Os acadêmicos Andrea Alciati (italiano) e Gräzist Wolmar (alemão), a cujas aulas Calvino assistiu em Bourges são também figuras demonstrativas, se bem que num plano menor, do espírito humanista em voga no século XVI.

O Humanismo teve início na Itália no século XIV indo até ao século XVI.”

Vertentes do Humanismo

“O humanismo marxista é uma linha interpretativa de textos de Marx, geralmente oposta ao materialismo dialético de Engels e de outras linhas de interpretação que entendem o marxismo como ciência da economia e da história.

É baseado nos manuscritos da juventude de Marx, onde ele crítica o idealismo Hegeliano que coloca o ser humano como um ser espiritual, uma autoconsciência. Para Marx o ser humano é antes de tudo um ser natural, assim como já havia dito Feuerbach, mas, diferentemente deste, Marx considera que o ser humano, diferente de todos os outros seres naturais, possui uma característica que lhe é particular, a consciência, que se manifesta como saber. Como nos diz Salvatore Puledda a respeito disso em seu livro "Interpretaciones del Humanismo", "Através de sua atividade consciente o ser humano se objetiva no mundo natural, aproximando-o sempre mais de si, fazendo-o cada vez mais parecido com ele: o que antes era simples natureza, agora se transforma em um produto humano. Por tanto, se o homem é um ser natural, a natureza é, por sua vez, natureza humanizada, ou seja, transformada conscientemente pelo homem."

Os humanistas seculares, como o nome indica, são mais racionalistas e empiristas e menos espirituais; são geralmente associados a cientistas e acadêmicos, embora a filosofia não se limite a esses grupos. Têm preocupação com a ética e afirmam a dignidade do ser humano, recusando explicações transcendentais e preferindo o racionalismo. São ateus ou agnósticos. Cerca de 54% dos Universalistas Unitários baseiam suas crenças no humanismo.

Dos cerca de 500 milhões de ateus/agnósticos irreligiosos, apenas cerca de 4 mil se auto-denominam humanistas; porém, a maior parte do resto desse grupo desconhece o humanismo moderno e ao mesmo tempo segue suas doutrinas, especialmente no que se refere a ética.

Os humanistas religiosos acham que o humanismo secular é friamente lógico demais e são mais espirituais, alguns chegando a ser deístas. São ocasionalmente associados a artistas e cristãos liberais.

O humanismo renascentista propõe o antropocentrismo. O antropocentrismo era a idéia de o homem ser o centro de tudo, ao contrário do teocentrismo, a idéia de "Deus no centro de tudo". o antropocentrismo surgiu a partir do renascimento cultural.

Por último, o Positivismo comtiano também é uma forma de Humanismo, na medida em que afirma o ser humano e rejeita a teologia e a metafísica. A forma mais profunda e coerente do humanismo comtiano é sua vertente religiosa, ou seja, a Religião da Humanidade, que propõe a substituição moral, filosófica, política e epistemológica das entidades supranaturais (os "deuses" ou as "entidades" abstratas da metafísica) pela concepção de "Humanidade". Além disso, afirma a historicidade do ser humano e a necessidade de uma percepção totalizante do homem, ou seja, que o perceba como afetivo, racional e prático ao mesmo tempo.

Escola Literária

Também há a escola literária chamada Humanismo, que surgiu bem no final da Idade Média. Ainda podemos ressaltar as prosas doutrinárias, dirigidas à nobreza. Já as poesias, que eram cultivadas por fidalgos, utilizavam o verso de sete sílabas e o de cinco sílabas. Podemos destacar João Ruiz de Castelo Branco como importante autor de poesias palacianas.[2]”

Referências

1 - Cottret, Bernard. Calvin: A Biography. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans, 2000. 0-8028-3159-1 Traduzido para o inglês do original Calvin: Biographie, Edição de Jean-Claude Lattès, 1995.

2 - <http://humanismo.historico.googlepages.com/>.

(Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>, acesso em 12/02/09)

II - definição de UTOPIA

UTOPIA (SOCIOLOGIA)

“Utopia tem como significado mais comum a idéia de civilização ideal, imaginária, fantástica. Pode referir-se a uma cidade ou a um mundo, sendo possível tanto no futuro, quanto no presente, porém em um paralelo. A palavra foi cunhada a partir dos radicais gregos?? , "não" è????? , "lugar", portanto, o "não-lugar" ou "lugar que não existe".

Utopia é um termo inventado por Thomas More que serviu de título a uma de suas obras escritas em latim por volta de 1516. Segundo a versão de vários historiadores, More se fascinou pelas narrações extraordinárias de Américo Vespuccio sobre a recém avistada ilha de Fernando de Noronha, em 1503. More decidiu então escrever sobre um lugar novo e puro onde existiria uma sociedade perfeita.

O "utopismo" consiste na idéia de idealizar não apenas um lugar, mas uma vida, um futuro, ou qualquer outro tipo de coisa, numa visão fantasiosa e normalmente contrária ao mundo real.

O utopismo é um modo não só absurdamente otimista, mas também irreal de ver as coisas do jeito que gostaríamos que elas fossem.

A utopia de Thomas More

More descreve uma sociedade organizada racionalmente, através da narração dos feitos que realiza um explorador, Rafael Hytlodeo.

Utopia é uma comunidade que estabelece a propriedade comum dos bens. Não enviam seus cidadãos à guerra - salvo em casos extremos -, mas contrata mercenários entre seus vizinhos mais belicosos. Todos os cidadãos da ilha vivem em casas iguais, trabalham por períodos no campo e em seu tempo livre se dedicam a leitura e a arte. Toda a organização social da ilha aponta a dissolver as diferenças e a fomentar a igualdade. Por exemplo, que todas as cidades sejam geograficamente iguais. Na ilha impera uma paz total e uma harmonia de interesses que são resultado de sua organização social. Na ilha se eliminou por completo o conflito e seus potenciais, possibilidades de materialização. Em geral se concebe a comunidade utopiana como uma sociedade perfeita em sua organização e completamente equitativa na distribuição dos recursos escassos.

Utopia Moderna

Muitos autores como Arnhelm Neusüss tem defendido que as utopias modernas são essencialmente diferentes as suas predecessoras. Outros, dizem que em rigor as utopias só se dão na modernidade e chamam cronotopias ou protoutopias as utopias anteriores a obra de More. Desde esta perspectiva, as utopias modernas estão orientadas ao futuro. Assim as utopias expressam uma rebelião frente ao dado na realidade e propõem uma transformação radical, que em muitos casos passa por processos revolucionários.

As utopias têm derivações no pensamento político - como por exemplo, nas correntes socialistas ligadas ao marxismo e anarquismo, literário e incluindo cinematográfico através da ciência ficção social.

Utopia econômica

A maioria das idéias utópicas econômicas surgiram no século XIX com a divisão social surgida com o capitalismo. As utopias socialistas e comunistas se centraram na distribuição equitativa dos bens, com frequência abolindo completamente a existência do dinheiro e cidadãos fazendo trabalhos que realmente gostam e com tempo livre para desfrutar as artes e as ciências. Um livro clássico da utopia socialista foi Looking Backward de Edward Bellamy e News from Nowhere de William Morris (em português, Notícias de lugar nenhum).

Anarquistas e comunistas acreditam que a sociedade que surgiria após o fim do capitalismo seria uma livre associação de indivíduos em que o Estado e a propriedade privada não existiriam. Anarquistas e marxistas divergem apenas quanto ao meio de instaurar essa sociedade. Entretanto, a medida que o socialismo se desenvolveu ele foi se afastando das idéias utópicas.

As utopias capitalistas se centram na livre empresa, em uma sociedade onde todos os habitantes tenham acesso à atividade produtiva, e uns quantos ao governo.

Utopia ecologista

A utopia ecologista baseia-se no livro Ecotopia, no qual a Califórnia e parte dos estados da costa Oeste se tem seccionado dos Estados Unidos, formando um novo estado ecologista.

Utopia política e histórica

Utopia política é aquela em que o governo estabelece uma sociedade em busca da perfeição. Muitos governos tendem a ser severos na execução de suas leis e permitem um pouco de individualismo.

Uma utopia global de paz mundial é com frequência considerada um dos finais da história possivelmente inevitáveis.

Utopia religiosa

A visão que têm tanto o Islã como o cristianismo a respeito do paraíso é de uma utopia, em especial nas manifestações populares: encantadoras especulações de uma vida livre de pobreza, pecado ou de qualquer outro sofrimento.”

[Obtido em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Utopia_\(sociologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Utopia_(sociologia))]

Categoria: Sociologia

(Fonte: <http://pt.wikipedia.org/>, acesso em 12/02/09)

III - definição de HUMANITARISMO

Humanitarismo

“A palavra humanitarismo tem diversos significados possíveis: o humanitarismo, Humanismo, a doutrina que rege terem as pessoas o “dever de promover o bem estar humano.”

O humanitarismo é um enfoque humanista aos sofrimentos da humanidade. E é utilizado para referir-se a um conjunto de atividades relacionadas com o bem estar humano.

Uma ideologia informal

O Humanitarismo é uma ideologia de prática informal, em que as pessoas especializadas no trato humano prestam assistência às outras, é uma doutrina em que as pessoas têm o dever de promover o bem estar humano.

Humanitarismo tem como base que todos os seres humanos merecem respeito e dignidade, e deve ser tratada como tal. Portanto, os trabalhadores humanitários trabalham em prol da promoção do bem estar da humanidade em seu conjunto. É a antítese do “nós *versus* eles”, mentalidade que caracteriza o tribalismo e o nacionalismo étnico.

Os humanitaristas detestam a escravidão, a violação dos direitos humanos fundamentais, e a discriminação com base em características da cor da pele, religião, ascendência, e lugar de nascimento etc.

O Humanitarismo impulsiona as pessoas para salvarem vidas, aliviar o sofrimento e promover a dignidade humana, em acontecimentos provocados pela mão humana ou por desastres naturais.

Humanitarismo é aceito pelos movimentos e pessoas em todos os aspectos políticos.

Esta ideologia informal pode ser resumida em uma palestra de Albert Schweitzer: "Humanitarismo consiste em não sacrificar jamais a um ser humano por um objeto."

Uma doutrina universal

Jeann Pictet, em seu comentário no livro “Os Princípios Fundamentais da Cruz Vermelha” assinala as características universais do humanismo.

No conhecimento do princípio da humanidade está na essência da moralidade social, a qual pode ser resumida em uma só frase: “Todas as coisas que os homens façam com vocês, assim também façam vocês com eles. “Este preceito fundamental pode ser encontrado, em forma quase idêntica, em todas as grandes religiões: bramanismo, budismo, cristianismo, confucionismo, islamismo, judaísmo e no taoísmo.

Também esta é a **regra de ouro** para os positivistas, que não se comprometem com nenhuma religião, apenas e somente com os dados da experiência, em nome da razão por si só. [2]

Exemplos:

Historicamente, o Humanitarismo foi visto publicamente nas reformas sociais nos final de 1800 e no princípio de 1900, após a crise econômica da Revolução Industrial na Inglaterra. Muitas mulheres na Grã Bretanha participaram com o **feminismo** durante o ano 1900, e isto também impulsionou o humanitarismo. Os excessos de horas trabalhadas, e a más condições de trabalho das crianças e de trabalhadores não qualificados, deixaram de ser ilegais pela pressão no parlamento feita pelos humanitaristas.

A criação da Lei de 1833 e da Lei de 1844 foram alguns dos mais importantes projetos humanitários aprovados no Parlamento na base da Revolução Industrial.

Pela metade do século 19, o humanitarismo foi fundamental para o trabalho de Florence Nightengale e de Henry Dunant na resposta de emergência, a qual em último caso gerou a fundação da Cruz Vermelha.

Resposta de emergência

Hoje em dia o Humanitarismo é usado especialmente para descrever o pensamento das doutrinas, as quais estão atrás da resposta de emergência às crises humanitárias.

Neste caso se advoga por uma resposta humanitária com base nos princípios humanitários, e em particular no princípio da humanidade.

Nicolás de Torrente, diretor executivo de MSF-EE.UU. escreveu: “ Os princípios mais importantes da ação humanitária são a humanidade, que postula a convicção de que todas as pessoas têm a mesma dignidade e virtude de pertencer a humanidade; a imparcialidade, que se encarrega de prestar a assistência com base unicamente na necessidade, sem discriminação entre os beneficiários; a neutralidade, onde se estipula que as organizações humanitárias devem abster-se de tomar parte nas hostilidades ou adoção de medidas com mais vantagem para uma das partes do conflito sobre a outra; e, a independência, que é necessária para garantir que a ação humanitária somente sirva aos interesses das vítimas de guerra, e não de políticas, religiões ou outras demandas.

Estes princípios fundamentais servem aos dois propósitos essenciais, que a expressão da ação humanitária tenha somente a finalidade de aliviar o sofrimento, sem condições e sem nenhum motivo posterior. Também serve como ferramenta de negociação, que serve para se obter o consentimento dos beligerantes e a confiança das

comunidades da presença e atividades das organizações humanitárias, em particular nos contextos de grande instabilidades”. [3]”

Notes

1. - "humanitarianism." WordNet® 3.0. Princeton University. 02 Jun. 2007.

2. - Pictet (1979) Humanity

3. - de Torent (2004)

Versão de espanhol para português feita por Elisabeth Mariano

(Fonte: <http://es.wikipedia.org/wiki/Humanitarismo>, acesso em 12/02/09)

IV - CONCEITO APLICADO DE DIREITOS HUMANOS

"Torna-se necessário recordar sempre as raízes humanistas dos Direitos Humanos e acompanhar sua configuração histórica que foi lenta, mas constante e evolutiva". (Jose Gregory)...

A PRÁXIS BRASILEIRA DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS (*)

Introdução

“Participo da estrutura de governo do Brasil e é inevitável que meu artigo tenha uma perspectiva prática, de quem lida, todos os dias, com o tema Direitos Humanos. Esse sentido pragmático não deve ser interpretado, todavia, como disposição de sacrificar crenças e valores fundamentais firmados ao longo da história. Mesmo porque a Constituição Brasileira, promulgada em 1988, conhecida entre nós como Constituição Cidadã, especialmente no seu artigo 5º, que assegura amplos direitos fundamentais da pessoa humana, foi, sem dúvida, influenciada pela tradição histórica que nos liga ao humanismo ético que se desenvolve a partir da Revolução Francesa e da Declaração da Independência Americana e se adensa pela dimensão social enunciada nas Constituições do México e de Weimar.

Cinqüenta anos da Declaração no Plano Internacional

O ano de 1998 foi particularmente importante em todos os Estado Membros das Nações Unidas, uma vez que marcou o cinquentenário de um dos documentos mais significativos jamais produzidos pelo concerto das Nações: a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Se é verdade que outras cartas de direito precederam a Declaração Universal, não é menos correto observar que este foi o primeiro documento que estabeleceu um ideal comum a ser atingido por todos os povos e nações. A universalidade dos direitos consagrados na Declaração, reafirmada consensualmente pela II Conferência Mundial de Direitos Humanos (Viena, 1993), assegura o reconhecimento de que, independentemente das circunstâncias de tempo e espaço, todo ser humano carrega dignidade que lhe é inerente e que, portanto, não lhe pode ser negada em nome da razão de Estado ou de outro argumento.

Desde então, os direitos nela consagrados à liberdade, à igualdade, à propriedade, à segurança e à resistência às forças que oprimem o ser humano, têm sido objeto de inclusão em todos os importantes pactos de direitos que constituem o sistema internacional de proteção.

Neste século, por maior que tenha sido o progresso mundial em termos de Direitos Humanos, muita coisa, ainda, está por ser feita, especialmente se levarmos em

consideração que, se por um lado, o fenômeno da globalização pode significar a mundialização da proteção aos direitos, pode significar, também, a mundialização das violações.

A Política de Direitos Humanos no Brasil

Nos dias de hoje os governos e sociedade civil estão no Brasil; profundamente comprometidos com valores democráticos e de respeito aos Direitos Humanos consagrados na Declaração Universal. No passado não tão longínquo, a experiência de um regime militar autoritário, vivido por mais de vinte anos, foi bastante traumática. No entanto, a luta contra o arbítrio também serviu para o amadurecimento da consciência de que os Direitos Humanos não são uma abstração de intelectuais ou uma utopia de sonhadores, mas um objetivo a ser alcançado na realidade do cotidiano.

Os Direitos Humanos são, na verdade, condição prévia para a realização das potencialidades humanas.

O grande objetivo dos Governantes Brasileiros e da Secretaria Nacional dos Direitos Humanos é aproveitar essa nova mentalidade que prevalece no seio da sociedade brasileira para que a letra da Declaração Universal dos Direitos Humanos adquira contornos de realidade tangível para todos os brasileiros. Tem sido constante o apelo para que cidadãos, em geral, e agentes do Estado, em particular, pautem suas condutas pelo respeito à Declaração e internalizem seus valores fundamentais. Superar a distância entre a lei abstrata que consagra os mandamentos da Declaração e a realidade cotidiana requer, além de um processo pedagógico de longo prazo, uma ampla aliança, envolvendo todos os níveis de governo, entidades da sociedade civil e comunidade internacional.

Mas, como fazer este trabalho de contágio para atingir não só camadas mais esclarecidas da população, mas sobretudo o conjunto anônimo de todos os cidadãos? Numa palavra: como massificar os valores básicos da Declaração de vez que a melhora de condutas individuais é indispensável para fazer crescer a taxa de respeito aos Direitos Humanos?

É necessário uma didática ou uma pedagogia de massas que comunique e convença a maioria da população a pautar sua vida cotidiana pelo ditames dos Direitos Humanos.

Nesse caso, que política adotar? O que fazer para a mensagem da Declaração penetrar no íntimo das pessoas e alterar seu relacionamento com o outro? A grande indagação é como alcançar resultados se o índice de criminalidade é alto, se a justiça é demorada e compassiva com os poderosos, se a base mínima de instrução escolar não chega a todos, se a nova cultura de massas, especialmente aquela que é distribuída pela mídia de imagem, rebaixa valores e banaliza a violência, se os adolescentes não se engajam numa cooperação solidária e se evadem nos tóxicos, se as classes médias emergentes perdem-se na ânsia de consumo, se as próprias confissões religiosas estão mais ligadas a temas sociais e reivindicativos e amortecem o interesse pela valorização de instituição familiar, se a própria dinâmica do desenvolvimento moderno impõe a vida competitiva, incompatível com ajuda mútua, magnificando os vencedores e estigmatizando os vencidos.

A Política de Direitos Humanos como Sintaxe das Ações de Governo

Para esse quadro carregado de dificuldade a única resposta situa-se no campo dos Direitos Humanos, com uma política de aproximações sucessivas deixando-se de lado as políticas autoritárias.

Torna-se necessário recordar sempre as raízes humanistas dos Direitos Humanos e acompanhar sua configuração histórica que foi lenta, mas constante e evolutiva. Mesmo seus saltos teóricos, quando se fixaram em declarações arrojadas, não corresponderam, de imediato, a uma materialização prática. O cumprimento efetivo para as pessoas e sociedades veio sempre muito depois do direito declarado.

O importante - e decisivo - é obter uma primeira tomada de consciência, principalmente entre os jovens, sobre a importância da essência da Declaração. É isso que estamos tentando fazer no Brasil de hoje. Tocar o nervo da coletividade abrindo sua consciência para os valores básicos dos Direitos Humanos. O recente código de trânsito, por exemplo, respalda-se na idéia do respeito mútuo que uns devem aos outros - fulcro dos Direitos Humanos - e não no trânsito como problema de polícia ou engenharia urbanística.

Assim, em cada medida pública procura-se decodificar o que a Declaração Universal dos Direitos Humanos estabeleceu principalmente no seu artigo primeiro que propõe o relacionamento fraterno nas relações de uns com os outros na sociedade. A Declaração Universal dos Direitos Humanos passou a ser um dos critérios a ser observado nas políticas públicas.

Estamos ainda no início desse trabalho, mas a meta final é tornar os Direitos Humanos contidos na Declaração uma espécie de sintaxe da ação do governo que, por contágio, exemplo e persuasão, passe a ser também a sintaxe da vida em sociedade. E o eixo desse trabalho, insista-se, é a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a verdadeira âncora humanista que o Século XX deixou para o Século XXI.”

(AUTOR: José Gregori - Presidente da Comissão Municipal de Direitos Humanos)

(Fonte: http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/jose_gregori_praxis_br_dec_onu.pdf, acesso em 12/02/09)

V - AS ONGS: HUMANISMO *versus* HUMANITARISMO

Opinião Humanista (*)

“As ONGs estão tendo um espaço cada vez mais importante nos meios de comunicação e despertam atenção e simpatia crescentes entre a população, que vê ou espera delas um comportamento distinto do que têm as instituições oficiais ou tradicionais.

Na realidade as ONGs existem a muito tempo, mas cobraram uma especial relevância nos últimos anos com a fome e guerras na África ou na ex-Iugoslávia, estes são dois exemplos entre muitos.

Por definição são organizações não governamentais (e se supõe que à margem também de outros poderes) que tratam de promover a ajuda concreta e eficaz até onde seus meios e suas capacidades cheguem.

O Documento Humanista em sua terceira seção ("Do humanismo ingênuo ao humanismo consciente") aponta o seguinte: "São numerosas as posturas que, tendo por base o fato do sofrimento humano, convidam à ação desinteressada a favor dos

desfavorecidos ou dos discriminados. Associações, grupos voluntários e setores importantes da população se mobilizam, em várias ocasiões, fazendo sua contribuição positiva. Sem dúvida que uma de suas contribuições consiste em gerar denúncias sobre esses problemas. No entanto, tais grupos não propõem sua ação em termos de transformação das estruturas que dão lugar a esses males. Estas posturas inscrevem-se mais no Humanitarismo do que no Humanismo consciente.

Nelas já se encontram protestos e ações específicas suscetíveis de serem aprofundadas e estendidas".

São evidentes tanto os pontos em comum como as diferenças entre o Humanismo e o Humanitarismo, que é o campo em que se enquadra a ação das ONGs. E dado que se vai aumentando a crise e a tragédia social em todo o planeta, e aumenta o interesse pelas ONGs e pelo humanismo, resulta interessante refletir sobre esse fenômeno.

O interesse da população por estes tipos de organizações devemos interpretá-lo sem dúvida como uma nova sensibilidade que rechaça o sofrimento em outros seres humanos e vê a necessidade de "fazer algo" para mudar as coisas.

Se espera delas uma "eficácia" que não se observa nos mecanismos políticos atuais.

Efetivamente se na década dos anos 60 e 70 as pessoas acreditavam na possibilidade de mudança global, o pessimismo dos anos 80 e a queda do bloco socialista fizeram crescer para muitos a sensação de que é inútil tratar de mudar tudo e de que são preferíveis as melhoras "concretas e eficazes" ainda que sejam minúsculas e limitadas. Essa tendência, na realidade, não só se vê no tipo de militância ou participação social senão que coincide com um processo mais amplo onde tudo se desestrutura, se parcela, se especializa. Isto afeta a arte, a ideologia, as crenças, a família, as relações etc. Por isso, nos encontramos com velhos militantes que agora renunciam a todo projeto ou simples planos de mudanças globais aos que tacham de impossíveis.

Curiosamente a ideologia dominante, o pragmatismo dos neo-liberais, alimentam esta visão do mundo, onde importa a eficácia e os resultados concretos e se deprecia toda tentativa de reflexão mais ampla. Para eles os governos sobram, porque já demonstraram que não são eficazes (para seus próprios fins, claro).

São muitas as grandes empresas que apadrinham projetos humanitários, talvez para conseguir a simpatia dos clientes ou talvez também porque em seu projeto de sociedade tudo deve estar privatizado: a saúde, a educação e porque não a solidariedade.

Assim que, apoiarão aqueles projetos que logicamente não denunciem nem molestem demasiadamente e que, por suposto, não questionem o modelo estabelecido. E quando eles falam de "privatizar" na realidade querem dizer "acumular em suas mãos". Em seu modelo de sociedade, as ONGs deverão amortecer "o preço necessário para o progresso", que consiste em amplas bolsas de pobreza e marginalidade, potenciais focos de violência. E premiarão socialmente a esses voluntários. rompendo com isso o espírito do voluntário que consiste precisamente no gosto pelo dar desinteressado. De fato nos países mais desenvolvidos a participação em certas atividades voluntárias é valorizada para trabalhar nas multinacionais.

Muitas ONGs, por desgraça, estão aceitando este modelo e não questionam em absoluto as causas últimas das desgraças que dizem combater. Na realidade a única

atividade que proporcionam as pessoas é a entrega de dinheiro (outra curiosa nova coincidência com o esquema neo-liberal, onde o único valor é o dinheiro). Com a ajuda dos bancos que põem suas contas correntes a sua disposição, estas organizações "gestionam com eficácia" estes, às vezes suculentos, fundos para reparar os danos que algumas destas mesmas multinacionais e bancos estão criando no terceiro mundo (e no segundo e no primeiro...). Sem entrar na discussão da real distribuição dessas ajudas, resulta curioso observar como gente de boa vontade, mas curta visão, participa deste esquema tão contraditório: realmente crêem que o donativo econômico é o único que pode ajudar a todos esses desafortunados, como a própria publicidade dessas ONGs querem nos fazer crer.

Por suposto essa publicidade aparece nos meios de comunicação, propriedade desses grupos econômicos ou políticos descritos anteriormente. Tentam assim por a salvo seu próprio esquema político-econômico e canalizar seu desejo a boa vontade da população.

Assim se anima um tipo de participação fria e intermediada em lugar de convidar as transformações desde o próprio meio imediato de cada um. Mais ainda, quando em geral os fundos são recolhidos no primeiro mundo para lugares distantes do terceiro, quando a crise afeta já a setores de todos os países. Não se potencia a comunicação direta senão um neo-paternalismo, não só de tipo religioso (obras de caridade, missões etc.) senão também des-ideologizado.

Parte da simpatia das ONGs radica de sua suposta independência das instituições tradicionais e do estado. Na prática nem sempre é assim, a princípio ocultam estar diretamente vinculadas com grupos religiosos ou políticos e requerem dos fundos do estado para suas atividades. Nada que objetar, salvo que deveriam dizer às populações. Ou será que têm algo a ocultar? Será que sua mensagem já não é acreditável e necessitam disfarçar-se? O fato é que alguns desses grupos criaram suas ONGs para inseri-las no mercado da cooperação internacional e obter financiamento incoberto para suas próprias atividades.

Contudo, e apesar dos inconvenientes que aparecem, o incremento do número de pessoas que se ativam em tarefas de voluntariado indica claramente que a população rechaça o sofrimento humano e intui a necessidade de mudar globalmente a direção deste sistema desumano. Por outro lado, a própria experiência vital dos voluntários os empurra a um dilema sem ponto médio:

- Podem aceitar o estabelecido e acabar convertendo-se em uma situação de funcionários que se ocupam de varrer os desperdícios do sistema e atenuam os desastres que o mesmo gera. Nesse caso, o sem sentido ganha a batalha e sua experiência será como a de tantos velhos militantes que se "desperdiçaram" por não viver com coerência a causa a que dedicaram suas melhores ações.
- Ou bem podem denunciar as raízes dos conflitos que atendem e encontrar em si mesmos e em outros a força para mudar a direção dos acontecimentos. Essa força, que emana do fundo do coração humano, sobrepassa os limites do consolo fraterno e alenta a construção de um mundo novo a medida do ser humano. Sua experiência, então, cobra um sentido forte e alegre que cresce com a coerência. E essa coerência se aplica desde o meio mais imediato até ali onde chegue a influência de cada um. É essa chama criadora, que se alimenta da ação humilde e solidária de milhões de voluntários de todo o mundo, a que dá significado a mundialização de que outros falam.”

(AUTOR: Comissão Ideológica do Movimento Humanista - To: retrans@grupos.com.br - 28 de fevereiro de 1997)

(Fonte: <http://www.ipetrans.hpg.ig.com.br/humanismo.htm>, acesso em 12/02/09)

VI - O Que é HUMANISMO?

(autoria: Texto de palestra apresentada a audiências variadas - rds

Copyright 1989 by Frederick Edwards, Executive, Director American Humanist Association)

“O tipo de resposta que você vai obter para essa pergunta depende da espécie de humanista a quem você pergunta!

A palavra "humanismo" tem muitos significados e, uma vez que autores e conferencistas geralmente não deixam claro a qual significado se referem, os que tentam explicar o humanismo podem facilmente gerar confusão. Felizmente, cada significado da palavra constitui um diferente tipo de humanismo - os diferentes tipos sendo facilmente separados e definidos através do uso de adjetivos apropriados. Portanto, permitam-me resumir as diferentes variedades de humanismo da seguinte maneira:

Humanismo Literário - é uma devoção pelas humanidades ou cultura literária.

Humanismo da Renascença - é o espírito de aprendizado que se desenvolveu no final das idades médias com o renascimento das letras clássicas e uma renovada confiança na habilidade dos seres humanos para determinar por si mesmos o que é verdadeiro e o que é falso.

Humanismo Cultural - é a tradição racional e empírica que teve origem, em grande parte, nas antigas Grécia e Roma e evoluiu, no decorrer da história européia, para constituir atualmente uma parte fundamental da abordagem ocidental à ciência, à teoria política, à ética e à lei.

Humanismo Filosófico - é uma visão ou um modo de vida centrado na necessidade e no interesse humanos. Subcategorias deste tipo de humanismo inclui o Humanismo Cristão e o Humanismo Moderno.

Humanismo Cristão - é definido em dicionários como sendo "uma filosofia que defende a auto-realização humana dentro da estrutura dos princípios cristãos". Esta fé com maior direcionamento humano é em grande parte produto da Renascença e representa um aspecto daquilo que produziu o humanismo da Renascença.

Humanismo Moderno - também chamado **Humanismo Naturalista, Humanismo Científico, Humanismo Ético, e Humanismo Democrático**, é definido por um dos seus principais proponentes, Corliss Lamont, como "uma filosofia naturalista que rejeita todo supernaturalismo e repousa basicamente sobre a razão e a ciência, sobre a democracia e a compaixão humana". O Humanismo Moderno tem uma origem dual, tanto secular quanto religiosa, e estas constituem suas subcategorias.

Humanismo Secular - é uma conseqüência do racionalismo do iluminismo do século XVIII e do livre-pensamento do século XIX. Muitos grupos seculares [...] e muitos cientistas e filósofos acadêmicos sem outra filiação defendem esta filosofia.

Humanismo Religioso - emergiu da Cultura Ética, do Unitarianismo e do Universalismo. Hoje em dia, muitas congregações Unitario-Universalistas e todas as sociedades de Cultura Ética descrevem-se como humanistas no sentido moderno.

Os humanistas seculares e os humanistas religiosos compartilham a mesma visão de mundo e os mesmos princípios básicos. Isto fica evidente a partir do fato de que ambos, humanistas seculares e humanistas religiosos, assinaram o Primeiro Manifesto Humanista, em 1933, e o Segundo Manifesto Humanista, de 1973. Do ponto de vista exclusivamente filosófico, não há diferença entre os dois. É apenas na definição de religião e na prática da filosofia que os humanistas seculares e os humanistas religiosos discordam efetivamente.

O Humanismo Religioso é "fé em ação". Em seu ensaio "The Faith of a Humanist", Kenneth Phife, de congregação Unitárioo-Universalista, declara:

O Humanismo nos ensina que é imoral esperar que Deus aja por nós. Devemos agir para acabar com as guerras, os crimes e a brutalidade desta e das futuras eras. Temos poderes notáveis. Temos um alto grau de liberdade para escolher o que temos de fazer. O humanismo nos diz que não importa qual seja a nossa filosofia a respeito do universo, a responsabilidade pelo tipo de mundo em que vivemos, em última análise, cabe a nós mesmos.

A tradição humanista secular é uma tradição de desconfiança, tradição que remonta à antiga Grécia. Podemos ver, até na mitologia grega, temas humanistas que raramente aparecem, se é que aparecem, em mitologias de outras culturas. E eles certamente não foram repetidos pelas modernas religiões. O melhor exemplo, no caso, é o personagem Prometeus.

Prometeus se sobressai por ter sido idolatrado pelos antigos gregos como aquele que desafiou Zeus. Ele roubou o fogo dos deuses e o trouxe para a terra. Por causa disso, foi punido. E mesmo assim, continuou seu desafio em meio às torturas. Essa é a origem do desafio humanista à autoridade.

Outro aspecto da tradição humanista secular é o ceticismo. O exemplo histórico disso é Sócrates. Por que Sócrates? Porque, depois de todo esse tempo passado, ele ainda é único, entre todos os santos e sábios famosos, desde a Antiguidade até o presente. Toda religião tem seu sábio. O Judaísmo tem Moisés, o Zoroastrismo tem Zaratustra, o Budismo tem Buda, O Cristianismo tem Jesus, O Islamismo tem Maomé, o Mormonismo tem Joseph Smith... Todos afirmaram conhecer a verdade absoluta. Foi Sócrates, e unicamente ele, entre todos os sábios, que afirmou que NADA sabia. Cada um devisou um conjunto de regras ou leis, exceto Sócrates. Em vez disso, Sócrates forneceu-nos um método - um método para questionar as regras de outros, um método de inquirição. [...] Sócrates permanece como um símbolo, tanto do racionalismo grego como da tradição humanista que surgiu a partir daí. E, desde sua morte, nenhum santo ou sábio igualmente considerado juntou-se a ele, nesse aspecto.

O fato de que o Humanismo possa, ao mesmo tempo, ser religioso e secular apresenta, de fato, um paradoxo, mas não é este o único paradoxo. Um outro é que ambos colocam a razão acima da fé, geralmente até o ponto de evitar completamente a fé. A dicotomia entre razão e fé frequentemente recebe ênfase no Humanismo, com os humanistas tomando lugar ao lado da razão. Por causa disso, o Humanismo Religioso não deveria ser visto como uma fé alternativa, mas sim como um modo alternativo de ser religioso

É possível explicar, em termos claros, o que é exatamente a filosofia Humanista moderna. É fácil resumir as idéias básicas sustentadas em comum tanto pelos humanistas seculares como pelos humanistas religiosos.

Essas idéias são as seguintes:

1. O Humanismo é uma daquelas filosofias para pessoas que pensam por si mesmas. Não existe área do pensamento que um humanista tenha receio de desafiar e explorar.
2. O Humanismo é uma filosofia que se concentra nos meios humanos de compreender a realidade. Os humanistas não afirmam possuir ou ter acesso a um suposto conhecimento transcendental.
3. O Humanismo é uma filosofia de razão e ciência em busca do conhecimento. Portanto, quando se coloca a questão de qual é o meio mais válido para se adquirir conhecimento sobre o mundo, os humanistas rejeitam a fé arbitrária, a autoridade, a revelação e os estados alterados de consciência.
4. O Humanismo é uma filosofia de imaginação. Os humanistas reconhecem que sentimentos intuitivos, pressentimentos, especulação, centelhas de inspiração, emoção, estados alterados de consciência, e até experiência religiosa, embora não válidos como meios de se adquirir conhecimento, são fontes úteis de idéias que nos podem levar a novas maneiras de olhar o mundo. Estas idéias, depois de racionalmente acessadas por sua utilidade, podem em seguida ser postas para funcionar, geralmente como abordagens alternativas para a solução de problemas.
5. O Humanismo é uma filosofia para o aqui e agora. Os humanistas encaram os valores humanos como tendo sentido apenas no contexto da vida humana, mais do que na promessa de uma suposta vida após a morte.
6. O Humanismo é uma filosofia de compaixão. A ética humanista preocupa-se apenas em atender às necessidades humanas e em responder aos problemas humanos - tanto pelo indivíduo como pela sociedade - e não dedica atenção alguma à satisfação dos desejos de supostas entidades teológicas.
7. O Humanismo é uma filosofia realista. Os humanistas reconhecem a existência de dilemas morais e a necessidade de cuidadosa consideração sobre as conseqüências imediatas e futuras na tomada moral de decisões.
8. O Humanismo está em sintonia com a ciência de hoje. Os humanistas reconhecem, portanto, que vivemos em um universo natural de grande tamanho e idade, que evoluímos neste planeta no decorrer de um longo período de tempo, que não existe uma evidência premente de uma "alma" dissociável, e que os seres humanos têm determinadas necessidades inatas que formam efetivamente a base de qualquer sistema de valores orientado para o homem.
9. O Humanismo está em sintonia com o pensamento social esclarecido de nossos dias. Os humanistas são compromissados com as liberdades civis, os direitos humanos, a separação entre Igreja e Estado, a extensão da democracia participativa, não só no governo, mas no local de trabalho e na escola, uma expansão da consciência global e permuta de produtos e idéias internacionalmente, e uma abordagem aberta para a resolução de problemas sociais, uma abordagem que permita a experiência de novas alternativas.
10. O Humanismo está em sintonia com novos avanços tecnológicos. Os humanistas têm boa-vontade em participar de descobertas científicas e tecnológicas emergentes, de modo a exercerem sua influência moral sobre estas revoluções à medida que surgem, especialmente no interesse de proteger o meio ambiente.
11. O Humanismo, em suma, é uma filosofia para aqueles que amam a vida. Os humanistas assumem responsabilidade por suas próprias vidas e apreciam a aventura de participar de novas descobertas, buscar novo conhecimento, explorar novas possibilidades. Em vez de se satisfazerem com respostas pré-fabricadas para as grandes questões da vida, os humanistas apreciam o caráter

aberto de uma busca e a liberdade de descoberta que este proceder traz como sua herança.

Embora alguns possam sugerir que esta filosofia sempre teve poucos e excêntricos seguidores, os fatos da história mostram o contrário. Entre as modernas adesões ao Humanismo, contam-se: Margaret Sanger, fundadora do Planejamento Familiar, Humanista do Ano de 1957 da Associação Humanista Americana; os psicólogos humanistas pioneiros Carl Rogers e Abraham Maslow, também Humanistas do Ano; Albert Einstein, que aderiu à Associação Humanista Americana nos anos cinqüenta; Bertrand Russell, que aderiu nos anos sessenta; o pioneiro dos direitos civis, A. Philip Randolph, que foi o Humanista do Ano de 1970, e o futurista R. Buckminster Fuller, Humanista do Ano de 1969.

As Nações Unidas são um exemplo específico do Humanismo em ação. [...] Uma das grandes realizações desta organização foi varrer a varíola da face da terra.[...]

Enquanto isso, humanistas como Andrei Sakharov, Humanista do Ano de 1980, têm se levantado em favor dos direitos humanos sempre que estes são suprimidos. Betty Friedan e Gloria Steinem lutam pelos direitos humanos, Mathilde Krim combate a epidemia da Aids, e Margaret Atwood é uma das mais comentadas defensoras da liberdade literária no mundo - todas humanistas.

A lista de cientistas inclui uma multidão: Stephen Jay Gould, Donald Johanson, Richard Leakey, E. O. Wilson, Francis Crick, Jonas Salk e muitos outros - todos membros da Associação Humanista Americana, cujo presidente nos anos oitenta foi o cientista e escritor Isaac Asimov.

Talvez isso tenha sido o que levou George Santayana a declarar que o Humanismo é "uma realização, não uma doutrina".

Portanto, no Humanismo moderno pode-se encontrar uma filosofia ou uma religião sintonizada com o conhecimento moderno; [...] ele tem inspirado as artes, da mesma forma que as ciências; a filantropia, tanto quanto a crítica. E mesmo na crítica, é tolerante, defendendo o direito que têm todas as pessoas de escolher outros caminhos, de falar e escrever livremente, de viver suas vidas segundo seu próprio discernimento.

Então, a escolha é sua. Você é um humanista?

Você não precisa responder nem sim, nem não. Pois esta não é uma proposição de "ou isso ou aquilo". O Humanismo está à sua disposição - você pode adotá-lo ou recusá-lo. Pode pegar um pouquinho ou pode pegar bastante, ficar bebericando a taça ou sorvê-la de um gole só. Isso é com você."

(Fonte: <http://www.geocities.com/Athens/4539/humanismo.htm>, acesso em 12/02/09)

VII - PSICOLOGIA HUMANISTA

“Psicologia humanista é um ramo da psicologia surgida como uma reação ao determinismo dominante nas práticas psicoterapêuticas. Seu enfoque é a humanização da psique, considerando o homem como um processo em construção, detentor de liberdade e poder de escolha. Em sua concepção, o comportamento do ser humano está sempre em busca da autonomia em qualquer que seja a situação imposta pelo ambiente exterior, desde que esteja livre da dominação de necessidades inferiores como as necessidades fisiológicas e de segurança. Os expoentes desta linha psicológica são Carl Rogers, com sua abordagem centrada na pessoa, nessa abordagem quem direciona o rumo da psicoterapia é o paciente e não o psicoterapeuta, e Abraham Maslow com a hierarquia das necessidades, na qual ele considera que as pessoas passam por fases da

vida onde buscam determinadas necessidades. As necessidades que estão na base dessa hierarquia são: água, comida, sexo.”

(AUTOR Psicologia Humanista - por Alexandre Pedrassoli)

(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Psicologia_humanistadefinição, acesso em 13/02/09)

VIII - A CONCEPÇÃO DE UTOPIA

“Ao falarmos em Utopia, a primeira coisa que nos vem em mente é algo irrealizável, inatingível. De fato, se formos buscar o significado da palavra Utopia em nossos dicionários, iremos encontrar: "Projeto irrealizável; quimera."

Entretanto, não é neste sentido que utilizamos a palavra Utopia, aqui, neste trabalho.

Nicola Abbagnano ensina que Thomas Moore deu o nome Utopia, a uma espécie de romance filosófico (De optimo reipublicae statu deque nova insula Utopia, 1516), onde relatava as condições de vida em uma ilha desconhecida, que denominou Utopia. Nela teriam sido abolidas a propriedade privada e a intolerância religiosa. Foi por isso que tal termo passou a designar, não apenas qualquer tentativa análoga, como também qualquer ideal político, social ou religioso, cuja realização seja difícil ou impossível.

Porém, como o próprio Abbagnano salienta, Manheim considerou a Utopia, como algo destinado a realizar-se, ao contrário da ideologia que não é passível de realização. Nesse sentido, a Utopia seria o fundamento da renovação social.

E continua: "Em geral, pode-se dizer que a U. (sic) representa a correção ou a integração ideal de uma situação política, social ou religiosa existente. Como muitas vezes aconteceu, essa correção pode ficar no estágio de simples aspiração ou sonho genérico, resolvendo-se numa espécie de evasão da realidade vivida. Mas também pode tornar-se força de transformação da realidade, assumindo corpo e consistência suficientes para transformar-se em autêntica vontade inovadora e encontrar os meios da inovação. Em geral, essa palavra é considerada mais com referência à primeira possibilidade que à segunda."

Em sua obra Direito e Utopia, João Baptista Herkenhoff afirma que a palavra Utopia deriva do grego, e significa "que não existe em nenhum lugar". Para Herkenhoff, a utopia é o contrário do mito, ou seja, utopia "é a representação daquilo que não existe ainda, mas que poderá existir se o homem lutar para sua concretização." E continua dizendo que a Utopia é a consciência antecipadora do amanhã. "O mito ilude o homem e retarda a História. A utopia alimenta o projeto de luta e faz a História". Herkenhoff vê o pensamento utópico como o grande motor das Revoluções.

5.1. O Pensamento Utópico

O pensamento utópico teve um importante papel no Direito, uma vez que é através do mesmo que encontramos os instrumentos necessários para construir o nosso direito; É o pensamento utópico que ilumina o caminho em prol do que é justo, já que não fica restrito às imposições legais, que nem sempre estão de acordo com o que se entende por justiça.

O pensamento utópico funciona como uma espécie de libertação das amarras que prendem o Direito aos aspectos legais. Através da utopia, busca-se não o que diz a letra da lei, mas sobretudo, o que é justo. E lei e justiça não são palavras sinônimas, muito menos Direito e Lei. Essa distinção é proveniente, justamente, do pensamento utópico, que desvinculou o Direito da lei, proclamando que antes de tudo o Direito é justiça!

Através do Direito, conforme o pensamento utópico, busca-se uma sociedade mais justa, fraterna, igualitária, onde os direitos das chamadas minorias (como as mulheres, os negros e os homossexuais, por exemplo) serão respeitados, um direito escrito pelo povo e em respeito, essencialmente, à dignidade da pessoa humana!

5.2. A função da Utopia

De acordo com os ensinamentos proferidos pelo mestre João Baptista Herkenhoff, a primeira função da utopia é favorecer uma visão crítica da realidade. No entanto, como salienta o mesmo, sua função não para por aí. A utopia é antes de mais nada, uma forma de ação, uma vez que provoca o movimento das pessoas, em busca do desenvolvimento de uma sociedade mais justa. Trata-se, de acordo com Bloch (citado por Herkenhoff) do "Princípio da Esperança" que anima o mundo.

Podemos dizer, dessa forma, que a função da utopia é a de provocar um movimento social, em busca de um novo Direito, um "Direito Justo", livre de amarras pré estabelecidas; um direito que busca a igualdade entre os povos, a fraternidade e, acima de tudo a paz social; um direito que renasce a cada dia, de acordo com as novas aspirações humanas, porque o homem é um ser dinâmico, de forma que, se o direito é criado exclusivamente em prol do ser humano, não poder ser estático, pois isso acarretaria uma contradição.

A utopia serve, portanto, como um instrumento de transformação social. Trata-se de uma realidade que visa, como ensina João Baptista Herkenhoff, "desmascarar a falsidade da ideologia estabelecida". E, sabiamente, continua o mestre: "O presente pertence aos pragmáticos. O futuro é dos utopistas"!..."

(Fonte: http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/dh_utopia/5concepcao.html, acesso em 12/02/09)

IX - MOVIMENTO HUMANISTA

“O Movimento Humanista é um conjunto de pessoas de várias idades, credos, raças... E que hoje se faz presente em mais de 120 países, nos cinco continentes é uma nova sensibilidade que prioriza a ação de base, a comunicação direta, a prática da não-violência e a não-discriminação.

É um novo pensamento porque parte da necessidade do Ser Humano de superar a dor e o sofrimento. Além de resgatar o melhor de cada cultura e da própria história humana.

É uma nova ação no mundo porque se baseia nas virtudes de cada ser humano, na força do conjunto, na reciprocidade e na verdadeira solidariedade.

Estamos conformando as bases para uma verdadeira transformação pessoal e social. Construindo a Nação Humana Universal, distante do mito do dinheiro, do pragmatismo e do sem sentido da época atual.

As Propostas

As propostas HUMANISTAS se centram em 5 pontos básicos:

1. O ser humano como valor central.
2. A afirmação da igualdade de oportunidades para todos.
3. O reconhecimento da diversidade pessoal e cultural.
4. A afirmação da liberdade de idéias e crenças.
5. O rechaço a todo tipo de violência e discriminação.

Estas propostas configuram um estilo de vida e um modo de relação do mais alto valor moral, que pode expressar-se nesta frase: "Trata aos demais como queres que te tratem!" saiba mais acesse o site".

(Fonte: <http://www.movimento-humanista.org/sitePronto/propostas01.htm>, acesso em 12/02/09)

X - PERIÓDICO INTERNACIONAL DEVELOPMENT IN PRACTICE

Development in Practice é:

“Um periódico internacional que divulga análise e pesquisas baseadas na prática envolvendo as dimensões sociais de desenvolvimento e humanitarismo e oferece um fórum mundial para debate e troca de idéias entre praticantes, acadêmicos e formuladores de políticas, incluindo ativistas e ONGs. Ao contestar pressupostos convencionais, o periódico busca estimular novas idéias e formas de trabalho. Os colaboradores representam um amplo leque de origens e experiências culturais e profissionais.” O periódico é publicado em fevereiro, abril, junho, agosto e novembro.

Verifique a série de livros. E, saiba mais.

(Fonte: http://www.developmentinpractice.org/apc_hp-v-n-x-q.html, acesso em 12/02/09)

XI - O DIREITO INTERNACIONAL HUMANITÁRIO (DIH)

“O Direito Internacional Humanitário (DIH) é um conjunto de normas que, em tempo de guerra, protege as pessoas que não participam nas hostilidades ou deixaram de participar. Seu principal objetivo é limitar e evitar o sofrimento humano em tempo de conflito armado. As normas consagradas nos tratados de DIH devem ser respeitadas não somente pelos governos e suas forças armadas, mas igualmente pelos grupos armados opositores ou por qualquer outra parte em um conflito. As quatro Convenções de Genebra de 1949 e seus dois Protocolos Adicionais de 1977 são os principais instrumentos do direito humanitário.”

(Fonte: <http://www.icrc.org/web/por/sitepor0.nsf/htmlall/ihl?OpenDocument>, acesso em 12/02/09)

XII - Livro: O HUMANISMO COMO CATEGORIA CONSTITUCIONAL

Autor: Britto, Carlos Ayres - Editora: Forum

O Humanismo Como Categoria Constitucional

“Depois de escrever Teoria da Constituição (Editora Forense), em 2003, Carlos Ayres de Brito volta a publicar um livro sobre Direito. Um livro que versa um atualíssimo tema do humanismo. Humanismo que, para o autor, se transfunde na contemporânea democracia de três vértices, a saber: democracia procedimentalista, democracia substancialista, democracia fraternal. É uma fascinante viagem pelo interior da Constituição brasileira de 1988, para culminar com a afirmação de que ao Poder Judiciário é que incube, em última análise, garantir a plena eficácia do humanismo enquanto categoria jurídica.”

(Fonte: <http://compare.buscapes.com.br/o-humanismo-como-categoria-constitucional-carlos-ayres-britto-8577000885.html>, acesso em 12/02/09)

XIII - Livro: HUMANISMO EM CLARICE LISPECTOR

AUTORA: Souza, Ana Aparecida Arguelho de

Sinopse: "A qualidade maior deste trabalho reside na atenção cuidadosa que a autora dá aos aspectos estilísticos do romance analisado, bem como nas relações que estabelece entre as teorias do gênero narrativo, em especial a tragédia grega. Mas o mérito desta obra está em se concentrar na questão social e histórica do romance, enfatizando o seu alcance contra-hegemônico, ou seja, crítico, em relação às ideologias dominantes. Esse foco é o traço singular desta obra" (Parecer do Comitê Científico da Unesp, na análise da obra)".

(Fonte: <http://compare.buscape.com.br/o-humanismo-em-clarice-lispector-um-estudo-do-ser-social-em-a-hora-da-estrela-ana-aparecida-a-de-souza-8585653868.html>, acesso em 12/02/09)

XIV – Livro: A UTOPIA URBANA

Autor: Gilberto Velho -Editora: Jorge Zahar

“Livro pioneiro, por ser uma das primeiras tentativas no Brasil de aplicação do método antropológico ao estudo do meio urbano, baseia-se em pesquisas no bairro carioca de Copacabana. Mostra como vivem os moradores de um prédio de apartamentos do tipo conjugado, depois de realizar o sonho de morar naquele bairro” de qualquer maneira.

XV - Livro: O QUE HÁ DE ERRADO COM A POLÍTICA?

Autor: Arnaldo Sisson Filho. Editado pela SHB (Sociedade Humanitarista no Brasil), Porto Alegre, 1994. 107 pp.]

“Ainda se trata da obra fundamental sobre o Humanitarismo. Em seus capítulos está exposta, ainda que muito sinteticamente, as bases da filosofia denominada de Humanitarismo, bem com as grandes linhas de seu projeto atual de desenvolvimento prático. A obra já carece de uma atualização, mas, ainda assim, enquanto essa não é feita, e outras obras mais completas não são escritas, esse continua sendo o texto fundamental para ser estudado, discutido criticamente e, portanto, aprimorado. Humanitarismo”(…)

Segundo a visão de mundo que orienta o desenvolvimento deste texto - uma perspectiva ético-filosófica do ser humano que denominamos de Humanitarismo - os erros fundamentais tanto do Liberalismo quanto do Marxismo residem justamente na falha de uma apropriada percepção dos aspectos da unidade e da diversidade inerentes à espécie humana. Em vista disso, parece oportuno colocar que toda a visão ético-filosófica do Humanitarismo está centrada em apenas quatro grandes princípios, que são os seguintes:

1. Todos os seres humanos constituem uma FRATERNIDADE;
2. Todos os seres humanos possuem uma mesma origem e uma mesma natureza essencial e, portanto, IGUAL VALOR;
3. Não obstante a sua unidade e igualdade essenciais, os seres humanos apresentam CAPACIDADES DIFERENCIADAS;
4. Em vista destes princípios, a norma que deve presidir a justiça e a harmonia possíveis entre os seres humanos é a da IGUALDADE DE OPORTUNIDADES para o desenvolvimento de suas capacidades individuais diferenciadas.”

Leia mais em (...) <http://www.humanitarismo21.com/livro/Livro-01-Intro-web.htm>.

(Fonte: <http://www.humanitarismo21.com/livro/index.htm>, acesso em 12/02/09)

XVI - Livro: A UTOPIA DESARMADA

Autor: economista mexicano Jorge Castañeda (Companhia das Letras).

Leia mais em artigo inserido no site da Fundação Perseu Abramo - www.fpa.org.br

(Fonte: www.fpa.org.br, acesso em 12/02/09)

XVII - ENTIDADES HUMANITÁRIAS NO BRASIL

- **Care do Brasil:** www.care.org.br/.
- **Médicos Sem Fronteiras:** <http://www.msf.org.br/>.
- **Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV):** <http://www.icrc.org/>.